

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

N.º 45 (135) — 20-1-924

PREÇO \$20 — AFRICA \$30 — ESTRANGEIRO \$50

Redactor principal:
António Teixeira

Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO

CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A barafunda comunista...

A ensaboada bola da *frente única*, despedida pelo *canudo* Kremlinense das Internacionais Comunista e Vermelha — rebentou na atmosfera das disparidades. Os próprios brincalhões dessa moscovitária farsa se encarregaram de espatifar o frágil bloco da concubinação... ideal...

A maioria dos comunistas noruegueses, farta da impertinência atroz do «Vaticano» russo, ergue ao vento da revolta a flâmula da indisciplina e atira de escantilhão o despotismo que, em sclerado ginete, queria avançar e apoderar-se do seu bivaque de «Independência» partidária. Demonstrou que não está disposta a fazer figura de polichinelo na frente dos vermelhos *papas* de Moscóvia...

Na Dinamarca, o partido comunista esboroa-se em dois, em consequência de não haver unanimidade de vistas quanto ao problema da tática sindical: os scisionistas increpam-se e batem-se. As cenas de pugilato, que por vezes estalam, originam escândalo...

Em Paris, os irmãos marxistas abraçam-se a tiro e à maldade. O seu restólho tem o poder persuasivo, de fazer crer a toda a gente profana que eles praticamente se vão exercitando para a grande batalha final...

Pela Holanda, as coisas não se passam melhor...

Quanto ao nosso país, nós vimos que, depois de se excomungar e irradiar reciprocamente, o partido comunista (?) é repudiado, com náusea, pelas próprias juventudes comunistas. Naquela esbodegada patrulha política não há gente de confiança, de geito, em termos: constituem todos um rebotalho de falsos revolucionários a inspirarem tédio, nojo, horror a uma *mocidade* que também teve a desdita de se precipitar no

pântano das teorias neo-marxistas do leninismo avariado...

O convento internacional da moscovitice ditatorial está em hanzé: os frades vermelhos, irritados consigo próprios atiram com o *missal* dos dogmas de Lénine e Trotsky à cara uns dos outros. Assim uma coisa parecida com uma guerra entre *franciscanos* e *dominicanos*...

Mas a barafunda comunista aumenta na Inglaterra. Os ditadores rebelam-se contra a sua ditadura. É curioso, mas é assim mesmo...

Quase ao mesmo tempo em que Mussolini e Lénine jogam o *eixo corrido* dos elogios mútuos e das concessões recíprocas; quase ao mesmo tempo em que o Rivera italiano transmite, através a sua mão direita armada em porta-voz, ao Rivera russo de que está disposto a fazer entrar a sua nau governamental nas ondas da circulação política e diplomática do ocidente — Sylvia Pankhurst, a fundadora da secção da Terceira Internacional inglesa, levanta-se contra a empresa Lénine, Trotsky, Tchietcherine & C.ª e denuncia que os chefes dos soviets traíram a causa do proletariado internacional.

No órgão daquela secção da Internacional russa, *The Workers Dreadnaught*, subvencionado por Moscóvia, a célebre revolucionária Pankhurst transcreve do diário *Kommunistichè Arbeiter Zeitung*, de Berlim, uma «terrível exposição de Léon Trotyky», a qual fôra descoberta no próprio órgão do soviete *Nokanunie* (Véspera).

Leiamos, que tem piada:

«Antes de abandonar Moscóvia de regresso aos Estados Unidos, o senador americano King entrevistou-se com Trotsky. King perguntou-lhe o que fará o Soviete russo

quando na Alemanha se verificar outra revolução.

Trotsky respondeu:

«Antes de tudo, desejamos a paz.

«Não consentiremos que nenhum soldado do exército vermelho atravesse a fronteira russa, excepto se nos forcarem a isso.

«Se os monarquistas alemães vencerem e chegarem a entender-se com a *Entente*, recebendo dela ordem para participar numa intervenção contra o soviete russo, então, naturalmente, combateremos. Porém, não me anticipo. *Em todo o caso não colaboraremos numa guerra civil alemã*, porque isto só é possível com a declaração da guerra à Polónia. Contudo, não desejamos nenhuma guerra.

«Não queremos ocultar a nossa simpatia pelos trabalhadores alemães: estamos absolutamente ao seu lado contra o imperialismo, embora sejamos partidários da paz. A *debilidade numérica do exército vermelho*, que se está reorganizando como milícia para a defeza da pátria, é a *melhor garantia para a defesa pacífica da República dos Sovietes Russos*.

«O *governo soviético está interessado em sustentar os compromissos contraídos e manter a confiança no mundo comercial. O governo deseja manter as firmas estrangeiras sinceras e que desejem inverter, permanentemente, o seu capital nas indústrias russas*.

«A nova política económica do Soviete russo é uma necessidade para milhões de cidadãos russos, e ela deverá prolongar-se por muito tempo».

Quer dizer: eternamente, se outra revolução não vier e salvar a que se afundou.

Nas linhas e entrelinhas do que fica transcrito, está clara-

mente demonstrada a traição do partido comunista russo. A Rússia, nas garras dos chefes bolchevistas, enfermiçados no amplo Palácio de Inverno, é uma pátria... de balcão comercial em relações amistosas com o capitalismo *sincero* de fora de portas.

A sustentar esse colossal *Deve-Haver* comunista, estão as baionetas... *pacíficas* do exército vermelho, acampado na *paz armada*... mas vigilante para que ninguém, interno ou externo, vá arrebatá-lo o pedestal aos marechais de Kremlin, fazendo com que se desfaça em cacaria desastrosa toda a sua idolatria imposta pelo poder ditatorial...

Na declaração da não participação na guerra civil alemã; na confissão de que o governo russo está interessado em manter os compromissos com os capitalistas; mantendo igualmente a confiança no mundo comercial; nos oferecimentos de vantagens permanentes às inversões capitalistas na Rússia—descobre-se a piramidal farsa que espalharam por toda-a-parte, a qual consiste na lã de que os ditadores russos auxiliariam o operariado alemão na sua revolução contra o império burguês.

¿Era para este ludíbrio que queriam a frente única?

Sylvia Pankhurst, comunista, ante este lógro manifesto, indignadamente ergue a sua voz e maneja a sua pena contra os Trotskyianos escamoteadores da revolução, declarando continuar na lnta «pelo livre comunismo sem compromissos.»

«A traição—di-lo Pankhurst— não é uma simples traição aos camaradas alemães, aos quais tantas promessas teem feito. Também não é uma traição à revolução mundial, pela qual tanto teem insistido os russos como único meio de levar à prática o comunismo.» É pior do que tudo isso: é uma «traição vergonhosa» aos princípios do comunismo, tanto na Rússia,

CARTAS DUM OUTRO MUNDO

De Pedro das Neves ao católico Abrantes Tavares.

III

como em qualquer outra parte». «Vê-se claramente que esta fatal política significa mais alguma coisa: significa a eventual aliança com os poderes capitalistas contra o levantamento comunista»; «significa, em última análise, tropas governamentais contra os trabalhadores».

Estamos como a comunista inglesa: já quanto desceste, oh país da revolução!

No entanto, enquanto a Rússia continua a descer a escadaria da traição bolxevista, os comunistas umbigados ao ditatorial marxismo prosseguirão também na sua confusão—e a caravana irá passando em demanda do verdadeiro comunismo, o comunismo libertário.

O Estado e o seu papel histórico

O Estado e o seu papel histórico, eis o título dum novo livro que a *Biblioteca de A COMUNA* vai editar.

No momento que decorre, a publicação deste trabalho magistral do nosso inextinguível camarada de lutas e de ideias, Pedro Krapotkine, vem preencher uma lacuna que, há muito tempo, se vem fazendo sentir.

Os adoradores do Estado, das suas virtudes e dos seus méritos, ignorando os primórdios da humanidade, as suas evoluções intelectuais e artísticas e não querendo conceber uma sociedade sem governo, cristalizaram, à última hora, nessa fórmula puramente abstracta e antiquada, supondo, na sua cegueira lastimosa, que o Estado pode trazer consigo a felicidade do género humano.

Krapotkine, fazendo, neste livrinho, a história do Estado, prova, dum modo que não admite dúvidas, que o Estado, seja qual for o lema de que se revista, não pode promover o bem-estar de toda a humanidade. Produto da autoridade organizada, o Estado foi sempre o porta-voz da morte de todo o progresso e de toda a evolução. A leitura deste livro, é, portanto, muito útil a todos os indivíduos que desejam estudar e que desejam conhecer a história do Estado.

O seu preço será de 1\$50 cada exemplar; e, desde já se aceitam pedidos, quando dirigidos à *Biblioteca de A COMUNA* — APARTADO, 17, Pôrto.

Não julgues, meu amigo, que recebes uma carta do Além-Túmulo. Não! escrevo-te dum Mundo real, positivo, onde o «Correio de Coimbra», com o teu artigo «Resposta a um artigo do sr. Pedro das Neves, publicado em «A Comuna», veio surpreender-me na tranquillidade em que vivo.

E' a tua resposta ao meu artigo «O Padre» da série «Parasitas».

Sem me zangar com a qualificação que me ofereces de «fedelho que anda de gatas quer em questões religiosas quer sociais» e sem rebentar de *inchado* com a apóstrofe «homem de ideias avançadas e muito até»—eu venho, de cá, deste Novo Mundo, replicar à tua «Resposta».

Contra a minha frase: «Padres são morcegos: quando a Luz do Progresso, na sua eterna marcha os atinge e lhes ilumina o posto onde eles exploram a sua charlatânica indústria, eles fogem com temor à luz.» Argumentas tu: «pois fique-o sabendo, os padres no meio duma população suficientemente instruída, o que não impede a abundância de imbecis, são muito mais considerados do que nas aldeias onde a ignorância e a grosseria dominam.»

Sim! verifica-se muitas vezes, aí nesse Mundo, a veracidade da tua afirmação! Entre pessoas *distintas* e instruídas—nos paços, nos seminários, nos conventos, nas redacções e centros religiosos, nas casas de pessoas católicas intruídas—observa-se, de facto, uma amigável recepção aos padres.

¿Como de outro modo, se os reis, a aristocracia, a plutocracia, a burguesia, teem na Igreja a melhor custódia? ¿Se eles necessitam do padre para lhes consolidar o império do Capital e assegurar as suas regalias?

Era inconcebível que as hierarquias se incompatibilizassem com os mais fortes sustentáculos dos seus privilégios—os padres.

¿Que seria dos tronos, do Capital, da Burguesia—daqueles que vivem um viver parasitário—se recusassem protecção e iniciassem perseguições às religiões?

Tôdas as castas roubadoras do produto do suor alheio, toda esta sociedade—com a legião imensa dos inúteis, dos gatunos legais—teriam findado há muito e, com elas, as iniquidades, as sangonias do patriotismo e do despotismo, submergidas pela Legião Vermelha dos produtores, dos sempre fecundadores, dos sempre úteis e sempre espoliados...

Se as religiões fossem despresadas, as *leis divinas* postergadas, os deuses apeados dos altares—o Preconceito, o Vampirismo, a Espoliação seriam, dentro em breve, cinzas que o vento dispersaria.

Porque, há a notar: sem a colaboração das religiões e seus sequazes: a Força Armada, tribunais, cadeias, Torre de S. Julião, Bastilha, juizes, seriam impotentes, ante a Rebelião dos «párias», dos «sudras», dos trabalhadores, dos escravos, dos deserdados, dos miseráveis, dos velhamente e universalmente roubados...

Se não fossem os acolhimentos que hão tido por toda a parte e em todos os parlamentos—em todos os salões e chás das-cinco; se não fossem as amáveis deferências das *Clarinhas*, dos *Lopes Vieira*, etc.; se não fossem as mundiais «imposições das carapuças cardinalicias»,—que os bem intencionados e ignorantes democráticos se obstinam em não compreender—¿o que seria hoje a Exploração?

¿Que seria dos magnates, dos latifúndios industriais, dos Estados, dos senhores?

E, ainda hoje, a Religião, o mais potente baluarte da tirania suplanta as baionetas—estas contem a revolta dos corpos, aquela a dos espíritos, e os espíritos libertam-se mais facilmente.

Mas, ao escrever a minha frase, eu tive outra ideia. Quis frisar a diferença que existe nas maneiras do proletariado consciente da cidade e do rúde e ignorante cavador de aldeia acolherem o padre.

O proletariado consciente e instruído—que os católicos não querem—recebe o padre com a indiferença e a ironia de quem nada espera de charlatães que exploram um extraordinário facto histórico: a abnegação estoica de Cristo pela Verdade e a sua

Revolta—e lhe vem falar dum imaginário seu pelo qual ele deve renunciar à comodidade real na Terra e exortá-lo a submeter-se, para a conquista do Ceu, à Tirania dos senhores, à obediência dos Césares. Por outro lado, nas aldeias—à parte um ou outro menos covarde e temeroso das coisas de Inconoscível—o proletário é submisso, daquela submissão que lhe vem da ignorância, e, daí, o acolher sempre com atenção aquele que lhe fala dos mistérios que o perturbam e ele não compreende e arrojá-lo, atemorizado, aos pés do confessor e das estatuetas carunchosas a que, convencionalmente, se chama Deus—ente fantástico, para o rúde camponês tutor de tôdas as coisas.

E chamo ao padre «obreiro da Treva, trincheira ao Progresso» porque a Igreja tem sempre procurado ofuscar a Luz—já levando Galileu, em presença das brasas, a negar a redondeza da Terra; já queimando vivo Giordano Bruno, por este ter o *desplante* de ver um sol em cada estrela; queimando acolá, vivo, o célebre astrónomo Cecca de Ascoli, que *cai na asneira* de fazer descobertas que iam abalar os alicerces de burrices em que assentavam as religiões; carbonizando os filósofos Pedro Ramus, Huss, Jerónimo de Praga; perseguindo o sábio botânico Brotero, o escritor Damião de Góis; perseguindo e queimando, aqui, António José da Silva, o Judeu-comediógrafo—e Bocage; arremessando, para a *sacrosanta* pira, Savoranula, Vinini; torturando o filósofo Campanella; perseguindo Descartes e Bacon—perseguido; chacinando, matando todos os que, empunhando o facho da Ciência e trazendo o seu esforço à Humanidade, surgiram a fazer Luz, ruidores da Mentira...

... E' esta a obra civilizadora e científica da Igreja—e de tôdas as religiões! Querer reabilitá-las é asneira—a reabilitação é impossível!

¿Que é, pois, a obra dum D. Paterno e «bispos e abades que solicitavam de D. Dinis...»—fundando escolas, onde se ensinavam moléculas da Ciência de molho com teogónias e teosofias—ao pé das repressões ao Pensamento e à Ciência?

(Continua).

Conseguir um novo assinante para A COMUNA, é apressar a queda da tirania que nos oprime.

sindical norueguesa para, em seu nome, ventilar o problema da adesão à A. I. T.

O órgão do partido operário da Noruega, *Arbeiderbladet*, afirmou, no seu número de 6 de Dezembro último, que os sindicalistas revolucionários são os únicos que adoptam uma posição clara, quer na atitude franca perante os sindicatos, quer em face da política do partido.

É possível, pois, que essa luta acarrete aos sindicatos noruegueses uma scisão. Os nossos camaradas noruegueses nada têm a temer. Pelo contrário: As ideias do sindicalismo revolucionário são precisamente as únicas que constituem a porta de saída de toda a situação embrulhada do movimento operário para a união

dos trabalhadores, sobre a base das organizações económicas de luta.

O órgão sindicalista *Alarm*, comenta, a confusão, nos seguintes termos:

«A luta que actualmente se desenvolveu nos sindicatos pelo motivo da adesão colectiva ao partido operário; a tática dos núcleos comunistas e a agitação eleitoral social-democrática — tornaram inevitável uma scisão das organizações nacionais, salvo se, no último momento, se não declarar o inacreditável armistício.

Essa scisão deve absolutamente conduzir a uma agrupação, girando em torno da *Norsk Syndicalistisk Federation*...

«Considerando que por nenhum princípio se justifica que a autoridade disponha da vida seja de quem for e por qualquer motivo, visto que o Estado que ela representa reivindica para si o direito de defender e amparar a vida do cidadão;

E tendo em consideração que a reacção conservadora e jesuitica pretende afrontar a humanidade, decapitando dois dos seus mais úteis componentes: Luis Nicoláu e Pedro Mateu;

O povo de Coimbra reunido em comício público no Teatro Sousa Bastos, manifesta a sua repulsa por tanta criminosa intenção e regozijar-se há se uma natural desafronta vingar semelhante monstruosidade.»

«O povo de Coimbra, reunido em sessão pública de protesto pró-vítimas da reacção espanhola Mateu e Nicoláu, saúda todos os presos por questões sociais, incluindo os detidos às ordens da reacção em Espanha — M. J. de Sousa e M. da Silva Campos — e resolve não protestar nem reclamar por não considerar os dirigentes do Estado capazes de compreenderem e respeitarem a liberdade de pensar, arquivando, no entanto, estas manifestações de intolerância.»

Não queremos concluir, sem verberar indignadamente a atitude revoltante do comissário de policia, que, não contente em apreender uns manifestos onde se expunham ao público as causas e os fins da sessão, foi para o local onde esta se realizou com uma atitude impertinente, interrompendo intempestivamente os oradores, pois não podia consentir (*sic*) que se criticassem os actos do governo duma nação «amiga» e «vizinha»!...

A atitude insolente e provocadora daquela autoridade indignou de tal maneira a assistência, que se não fosse o espirito conciliatório de alguns camaradas dar-se-iam graves conflitos, cujas conseqüências aquele senhor, talvez a esta hora, fosse o primeiro a lamentar...

E venham agora para cá dizer-nos que são mantenedores da orde... — (Correspondente).

A FELICIDADE DE TODOS OS SÉRES NA SOCIEDADE FUTURA — por Gonçalves Correia
Preço \$50. Pelo correio \$60
A VENDA NESTA REDACÇÃO.

O Anarco-bolxevismo

E O SEU PAPEL NA REVOLUÇÃO RUSSA

Segundo a ideia dos chefes bolxevistas, o sentido e o fim do anarco-bolxevismo deviam consistir em defender e propagar o bolxevismo e a sua ditadura, em nome do movimento e do ideal anarquista. Por muito larga e sólida que seja a base sobre a qual o bolxevismo assentou a sua ditadura, ele não pode, todavia, negar a influência exercida pelas ideias anarquistas sobre os trabalhadores, e não pode, portanto, duvidar de que em certos casos é possível obter resultados mais apreciáveis operando em nome do anarquismo, do que do bolxevismo: Como uma «ménagère» hábil, o bolxevismo fez todo o possível para tirar proveito da influência e da força do anarquismo, adaptando as suas ideias ao uso e serviço do estatismo comunista. Eis donde nasceu o anarco-bolxevismo.

O anarco-bolxevismo não tem nem ideias próprias, nem teses políticas e revolucionárias, nem linha de conduta na Rússia. Não faz mais do que repetir servilmente todas as ordens e as teses do bolxevismo, e defendê-las com todo o zelo servil.

Quando, em 1918, Lênine pretendia, afim de defender a sua tática, cujo único objectivo era conservar-se no poder a todo o custo, que a paz concluída em Brest-Litovk com o governo do Kaiser, significava simplesmente uma paragem salutar para a revolução russa, o anarco-bolxevismo repetia servilmente esta frase coerente.

Em 1921, depois de ter acabado com as fontes vivas da revolução — depois de ter destruído o movimento de Makno, as correntes e as organizações dos anarquistas, dos maximalistas e socialistas revolucionários da esquerda — o bolxevismo pôs-se a realizar livremente e sem receio dos partidários da revolução social desarmados por ele, a «nova política económica», que não é mais do que a reconstrução do sistema do capitalismo na Rússia. Ele chama a esta traição feita às classes trabalhadoras «uma medida que foi forçada a adoptar», uma «continuação de Brest», num outro domínio mais vasto desta vez. E desta vez ainda, como da precedente, o anarco-bolxevismo apressou-

SESSÃO SOLENE

É hoje que, pelas 15 horas se realiza na sede social do Sindicato Unico Metalúrgico, sita à rua de Camões, 364 2.º, uma sessão solene comemorativa do 3.º aniversário da sua fundação.

Agradecemos o convite.

CORREIO DE "A COMUNA"

MORTÁGUA — A. R. Macãs — Recebemos carta com novos assinantes. Sobre o resto, faremos como dizes.

S. PEDRO DA CHARNECA — José Ludovino — Às vezes o jornal vem devolvido com esta nota: «desconhecido». Será por insuficiência de endereço? Manda dizer.

RIO DE JANEIRO — V. Corrêa — Recebemos carta e \$500.

PAWTUCKET, R. I. — António de Almeida — Os 200 escudos que mandaste para os Mineiros de S. Pedro da Cova, foram publicados no n.º 36, e vieram em nome de António S. Alves, representante do grupo que enviou o dinheiro. Mandamos a carta ao Manuel Ramos.

EXTREMOZ — António Nicolau — Recebemos um vale de 11\$00.

AFRICA — Revez da Silva — Cresceram \$300 que destinamos para pagamento da vossa assinatura.

IDEM — C. Gonçalves Perdigão — Do dinheiro que remetes sobramos 12\$00 que reverteram para a subscrição voluntária. Já enviamos os folhetos. Recebeste-los?

GAIA — António N. A. Pinheiro — Recebemos 10\$00. Ficas pago até ao n.º 82.

Carta de Coimbra

Realizou-se no dia 13, uma sessão pública de protesto contra a bárbara sentença que condenou à morte Pedro Mateu e Luis Nicolau. A sessão, que foi promovida pelo Grupo Anarquista «Os Rebeldes» efectuou-se no Teatro Sousa Bastos, amavelmente cedido pela empresa para esse fim.

Abriu a sessão o camarada Vieira Alves, do Grupo «Os Rebeldes», que em breves palavras, expoz à assistência qual o fim da reunião.

Segue-se o camarada Costa Carvalho, do Porto, que começa por comparar o procedimento da justiça espanhola, no processo de Ferrer, com o de agora. No caso de Ferrer, quem mais trabalhou para que a sentença de morte fosse um facto, foi o negro clericalismo, aos pés de quem a burguesia espanhola se roja. No caso de Mateu e Nicolau, é ainda essa negregada instituição quem maneja, pois julga assim ferir mais certamente todos os ideais nobres de emancipação humana. Uma demonstração flagrante do critério que preside nos julgamentos semelhantes a este, é que o processo de Ferrer, tendo sido revisto 14 anos depois da sua morte, os juizes que procederam à sua revisão, proclamaram unanimemente a sua já de há muito reconhecida inocência.

Cita também o recente julgamento de Germaine Berton e as causas que determinaram o seu gesto, concluindo por demonstrar que o capitalismo e clericalismo são os principais factores de todos os crimes.

Foram depois aprovadas por aclamação, as seguintes moções:

-se a repetir, com servilismo, esta fórmula irrisória, pronunciada então que a revolução russa, exausta pelos altos feitos do bolxevismo, respirava ainda.

Os próprios bolxevistas sabem perfeitamente, que o movimento maknovista foi verdadeiramente um movimento das massas populares revolucionárias. Mas, ocupando a posição de partido governamental, fazem-lhe uma guerra à «outrançe» e consideram como seu dever caluniá-lo, procurando flagelá-lo com o nome de banditismo. O anarco-bolxevismo, imitando o menxevismo, faz circular coisas estúpidas sobre o carácter contrarrevolucionário e «koulak» (1) da *maknovistina*. E, se os meios libertários da Rússia e do estrangeiro continuam a fazer uma ideia caótica e totalmente errada deste sublime movimento revolucionário dos trabalhadores da Ucrânia, a culpa é sobretudo do anarco-bolxevismo, que se tem dedicado sem vergonha a espalhar, e a fazer crer aos anarquistas, as invenções mais estúpidas acerca da *maknovistina*.

Os bolxevistas sabiam igualmente muito bem quão revolucionário e verdadeiramente popular era o levantamento de Cronstadt do mês de Março de 1921. Mas, desta vez ainda, na qualidade de partido governamental, contra as violências e arbitrariedades do qual este movimento era precisamente dirigido, eles abafaram-no no sangue dos revolucionários insurrectos, e apontaram-no como contra-revolucionário. O anarco-bolxevismo sancionou, e sustentou inteiramente com as suas ideias este crime dos bolxevistas.

No decurso de toda a revolução russa e em todos os assuntos, o anarco-bolxevismo não cessou de ser o porta-voz fiel do bolxevismo. Se se quisesse estabelecer uma comparação entre o anarco-bolxevismo e o *smienoviéchisme* (2) seria preso dizer que ambos são de igual modo, os servos do bolxevismo

(1) «Koulak», camponês (agricultor) rico e avarento, explorando outrem.

(2) O «smienoviéchisme» (mudança de margem) é uma corrente que se manifesta em certos meios da *élite* burguesa e agrária, e que tende a considerar o bolxevismo como a única força capaz de erlar na Rússia, nas condições actuais, um estado de leis, e de fazer no país uma reconstrução nacional e estatista, forte e larga.

vindos até êle de direcções diferentes, mas movidos ambos pelo mesmo desejo de se adaptarem à força existente de facto, alegando, para justificarem a sua covardia prática, motivos de ordem teórica.

O papel do anarco-bolxevismo na revolução russa é criminoso no mais alto grau. Tem trabalhado mais do que ninguém na deformação da ideia anarquista em benefício do bolxevismo, dando para isso a este último os maiores motivos e as maiores facilidades para esmagar o verdadeiro anarquismo e o verdadeiro movimento libertário na Rússia.

E' êle que mais tem contribuído para deformar o pensamento anarquista nas massas, injectando-lhe o vírus do estatismo, invocando, falsamente, o anarquismo; tem sido êle, que não tem cessado de levar a desorganização às fileiras libertárias, inculcando-lhe a doutrina bolxevista.

O bolxevismo, que começou a funcionar na Rússia como sistema estatal, não podia causar, como tal, senão prejuízos de ordem material ao jovem movimento anarquista; não estava em condições de combater as ideias anarquistas perante as massas laboriosas. Foi precisamente com este fim, que se serviu do anarco-bolxevismo e este último foi um optimo auxiliar nesta tarefa. Este sistema híbrido defendia a causa do bolxevismo em nome do anarquismo, apoiando todas as medidas práticas dos novos governantes, caluniando e condenando cada veleidade de opposição. Conseguiu, deste modo, desnortear as vastas massas revolucionárias, que experimentavam simpatia pelo anarquismo. As massas perdiam-se nas diferentes teorias, não conseguindo distinguir a verdadeira propaganda anarquista da falsa; o entusiasmo, o impulso, as ideias libertárias desapareciam no meio disso... Actuando deste modo, o anarco-bolxevismo impedia, além disso, o anarquismo de fazer uma opposição integral, forte e decidida ao bolxevismo. Aos olhos das massas o anarquismo confundia-se, continuamente com o anarco-bolxevismo, e portanto produzia a impressão duma força indecisa e hesitante. E' aqui, que é preciso procurar uma das razões principais pelas quais o anarquismo não se pode ligar solidamente com as massas sob o ponto de vista da organização, e foi porisso que os bolxevistas conseguiram sempre destruir com tanta facilidade o movimento e as or-

ganizações libertárias, e assassinar tam impunemente os campeões do anarquismo.

(Continua).

ANTOLOGIA

Quem crê...

Quem crê não pensa, e quem pensa não crê.

Aquele que tudo aceita sem exame, sem critica, sem análise, muito embora, apenas, com o instrumento da razão, simplesmente porque lhe dizem que assim é necessário que seja, abdica o mais valioso, o mais importante, o primeiro dos seus direitos; aliena a mais bela das suas faculdades; apaga, com o seu próprio sopro, a mais brilhante das luzes; desce à condição de coisa: passa, de ente racional, livre e pensante, ao estado de ente irracional, captivo, escravo, vítima de toda a sorte de paixões ruins, de descaminhos fatais.

Mas, o que procede ao contrário, aquele que não crê, só pelo facto de crer, que deseja convencer-se pelo raciocínio, pelo exame, pela observação, pela análise, pela critica,—segundo os princípios da sciencia; que se serve da sua razão como de farol, ou de estrela, nos mares escuros da incerteza, ou da dúvida; que só acei-

ta, como certo e como verdadeiro, aquilo que o seu espirito lhe aponta como tal, êsse eleva-se no seu próprio conceito, sôbe na escala, por que se medem os progressos humanos; considera-se como o «fim único, superior da criação», e, em virtude deste juízo, que a sciencia autoriza, embora aos indoutos se afigure altamente orgulhoso, detesta o embuste, despreza a mentira, odeia a hipocrisia, chegando a sentir pela sociedade, em que vive e se agita, um pouco de dó, ou compaixão.

CARVALHO JÚNIOR.

(De Nem Deus, nem Diabo).

PRÓ-PRESOS

por QUESTÕES SOCIAIS

Transporte	613\$72
Produto duma quete tirada por J. G Pereira, entre empregados no comércio	25\$00
A transportar	638\$72

NENO VASCO

GEÓRGICAS, \$30 centavos.
GRÊVE DE INQUILINOS, 1\$00.
CONCEPÇÃO ANARQUISTA DO SINDICALISMO, 2\$50

A' venda nesta Redacção.

Preçario dos Livros e Folhetos à venda

Acções de «A Batalha»	1\$00	J. GUESDE—A Lei dos Salários	\$30
A. GUERRA—O Proletariado Histórico	\$75	JOÃO MOST—Peste Religiosa	\$40
A Las Consciências Honoradas	\$20	KRAPOTKINE—A' Mocidade	\$30
B. LAZARE—A Liberdade	\$50	Idem—Bastidores das Guerras	\$20
B. LUX—O Sindicalismo e os Intelectuais	\$50	Idem—A Moral Anarquista	\$40
CHUECA—Como não ser Anarquista?	\$30	LANDAUER—A Social D. na Alemanha	\$20
CONTENT—Contra o confusionalismo	\$20	MELLA—O Principio do Fim	\$20
DELLAISI—Os Financeiros, os Políticos e a Guerra	\$30	NANSEN—Fome na Rússia	\$30
E. CHAPPELLIER—Porque não creio em Deus	1\$00	N. VASCO—Concepção Anarquista do Sindicalismo	2\$00
E. POTTIER—A Internacional	\$20	Idem—Georgicas	\$30
E. SILVA—Teatro Livre e a Arte Social	\$20	RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia	\$30
ETIEVANT—A Minha Defeza	\$40	VARIOS AUTORES:	
ETTOR—Unionismo Industrial	\$30	A Canalha	1\$00
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus	\$50	A Internacional	\$10
HAMON—A Crise do Socialismo	\$50	A Maçonaria e o Proletariado (trad.)	\$30
J. C. SOUSA—A Propriedade Privada	\$30	A Novela Vermelha	\$25
		Mujer, esclava ó companheira?	\$10
		Organização Social Sindicalista	3\$00

PELO CORREIO:—Para o Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para a Africa e Estrangeiro, mais \$40.—Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.